Volume 13 Issue 22
Originally issued as G8

Global Journal of human social science
Linguistics & Education
Volume 13 Issue 8 Version1.0 Year 2013
Type: Double Blind Peer Reviewed International Research Journal
Publisher: Global Journals Inc. (USA)
Online ISSN: 2249-460X&Print ISSN: 0975-587X

Obras Burlescas de Tomé Tavares O Ms. 736 da BPMP

By Cidália Dini
Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal

Abstract - Son of a period of profound transformations, Tomé Tavares (1570-1634) is part of a baroque spirit, marked by the unveiling of the words and by the satire's poisonous and unmeasured guillotine. In a society marred by hypocrisy and the worldly frivolities, burlesque satire comes as a regenerator blow, giving rise not only to an irreverent laugh, often in complicity, but also as a releasing factor by a world steeped in misrepresented values.

Keywords : *poetry, baroque, satire.*

GJHSS-G Classification : *FOR Code: 200499, 380201*



Strictly as per the compliance and regulations of:



© 2013. Cidália Dini. This is a research/review paper, distributed under the terms of the Creative Commons Attribution-Noncommercial 3.0 Unported License http://creativecommons.org/licenses/by-nc/3.0/), permitting all non-commercial use, distribution, and reproduction inany medium, provided the original work is properly cited.

Obras Burlescas de Tomé Tavares O Ms. 736 da BPMP

Cidália Dini[1]

Abstract - Son of a period of profound transformations, Tomé Tavares (1570-1634) is part of a baroque spirit, marked by the unveiling of the words and by the satire's poisonous and unmeasured guillotine.

In a society marred by hypocrisy and the worldly frivolities, burlesque satire comes as a regenerator blow, giving rise not only to an irreverent laugh, often in complicity, but also as a releasing factor by a world steeped in misrepresented values.

Keywords : *poetry, baroque, satire.*

I. Introdução

Inédita durante mais de quatro séculos, a obra do poeta portuense Tomé Tavares foi mais um exemplo da inúmera produção literária que desde a segunda metade do século XVI até aos fins do século XVIII permanece ainda inédita, esquecida, à espera de ser (re) descoberta. Na base deste evidente desinteresse pela conservação de todo um património literário estão às vezes intrincados problemas de crítica textual. A existência de várias cópias manuscritas, quase sempre lacunares, para além de implicar muitas variantes, pressupõe também determinar qual a lição verdadeira – tarefa morosa, que obriga a percursos labirínticos indecifráveis. Mesmo as duas mais conhecidas antologias de textos de versos barrocos – *Fénix Renascida* e *Postilhão de Apolo*, que apresentam aliás muitos erros de atribuição de autoria, não comportam de modo algum toda a poesia desta época, sobretudo se pensarmos na quantidade indeterminada de manuscritos ainda por descobrir e editar.

Tendo plena consciência dessa árdua tarefa que é editar uma obra, procurámos com o estudo e edição dos textos de Tomé Tavares, contribuir para esbater o esquecimento que sobre eles (texto e autor) se abateu, dando a conhecer uma poesia irreverente, límpida e de singular rasgo de originalidade.

Apesar de reconhecidos estudiosos como Vítor Aguiar e Silva, Ana Hatherly, Maria Lucília Gonçalves Pires, entre muitos outros, se terem dedicado à literatura desta época, editando textos e publicando trabalhos críticos; a verdade é que todo este esforço continua a ser infrutífero, sobretudo se pensarmos que muitos são os autores e obras que estão dispersos por manuscritos desconhecidos. Com esta edição, decorridos 373 anos após a morte do autor (29/01/1634), cremos estar a contribuir para esbater uma lacuna dos estudos literários nacionais que continua (e continuará) a subsistir.

II. Vida e Obra de Tomé Tavares

Em 1653, Cristóvão Alão de Morais «ajuntou na dita cidade»[2],o Porto, algumas das composições poéticas do Abade Tomé Tavares, num manuscrito hoje pertencente ao espólio da Biblioteca Pública Municipal do Porto.

A antologia, nunca antes publicada e, como tal desconhecida, revela-nos um «gentil poeta burlesco»[3], dotado de um espírito arguto e engenhoso.

Embora não possamos precisar a data exacta do nascimento de Tomé Tavares, é bastante provável que ele tenha acontecido em 1570. A conclusão é sugerida pelo seu processo de aluno universitário: sabendo que à época, era prática corrente os alunos ingressarem com 16 anos, é de supor que também o nosso autor tivesse essa idade em 1586, data do seu único registo de matrícula – em «Instituta», com certidão de exame de latim a 14 de Novembro[4]. Sabe-se também que nasceu na cidade do Porto e que era filho de Nuno Tavares, «cidadão muito honrado do Porto»[5], e de Joana Carneiro, descendente dos Carneiros do Porto, importante família do século XVI.

Outro aspecto da vida de Tomé Tavares sobre o qual dispomos de alguns elementos é a sua ordenação. De facto, embora não possamos precisar a data exacta em que ocorreu, apurámos que já em 1600 paroquiava a freguesia de Santa Marinha de Rio Tinto,

Author : *Graduated in Modern Language and Literature / Portuguese Studies, Master in Romanesque Literatures.*
E-mail : cidaliadinis@sapo.pt

[1] Membro do Grupo de investigação Multiculturalidade e Diálogo Internacional do CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória.
Doutorada em Literaturas e Culturas Românicas pela FLUP.

[2] Trata-se do códice n.º 736 da Biblioteca Pública Municipal do Porto, em cuja folha de rosto se lê: 'OBRAS/ BURLESCAS DO/ Famoso/ Thome Tavares Abbade de Rio-tinto/ junto a Barcellos, e natural da/Cidade do Porto, / Que ajuntou na dita Cidade/Christóvão Alão de Morais/ NO/ ANNO/ DE/ MDCLIII.' (cf. fig. 1).

[3] Cristóvão Alão de MORAIS, *Pedatura Lusitana*, vol. III, Braga, 1997.

[4] Cf. Registo de Matrículas de 1586, f. 32v, do Arquivo da Universidade de Coimbra (cf. fig. 2).

[5] Cristóvão Alão de MORAIS, *Pedatura Lusitana*, vol. III, Braga, 1997.

© 2013 Global Journals Inc. (US)

no termo de Barcelos[6]. Sabemos ainda que morreu a 29 de Janeiro de 1634, na sua abadia[7].

Salientados os principais aspectos referentes à biografia de Tomé Tavares, não poderíamos ficar alheios ao retrato que o nosso poeta faz do último quartel de quinhentos e primeiros anos de seiscentos – época em que o 'sonho da Índia' e com ele um século de trabalho metódico e persistente e a fama do nome luso, levada nas asas brancas das caravelas, se haviam já dissipado, dando lugar ao domínio castelhano.

†

Gaspar Lopes' (cf. fig. 3).

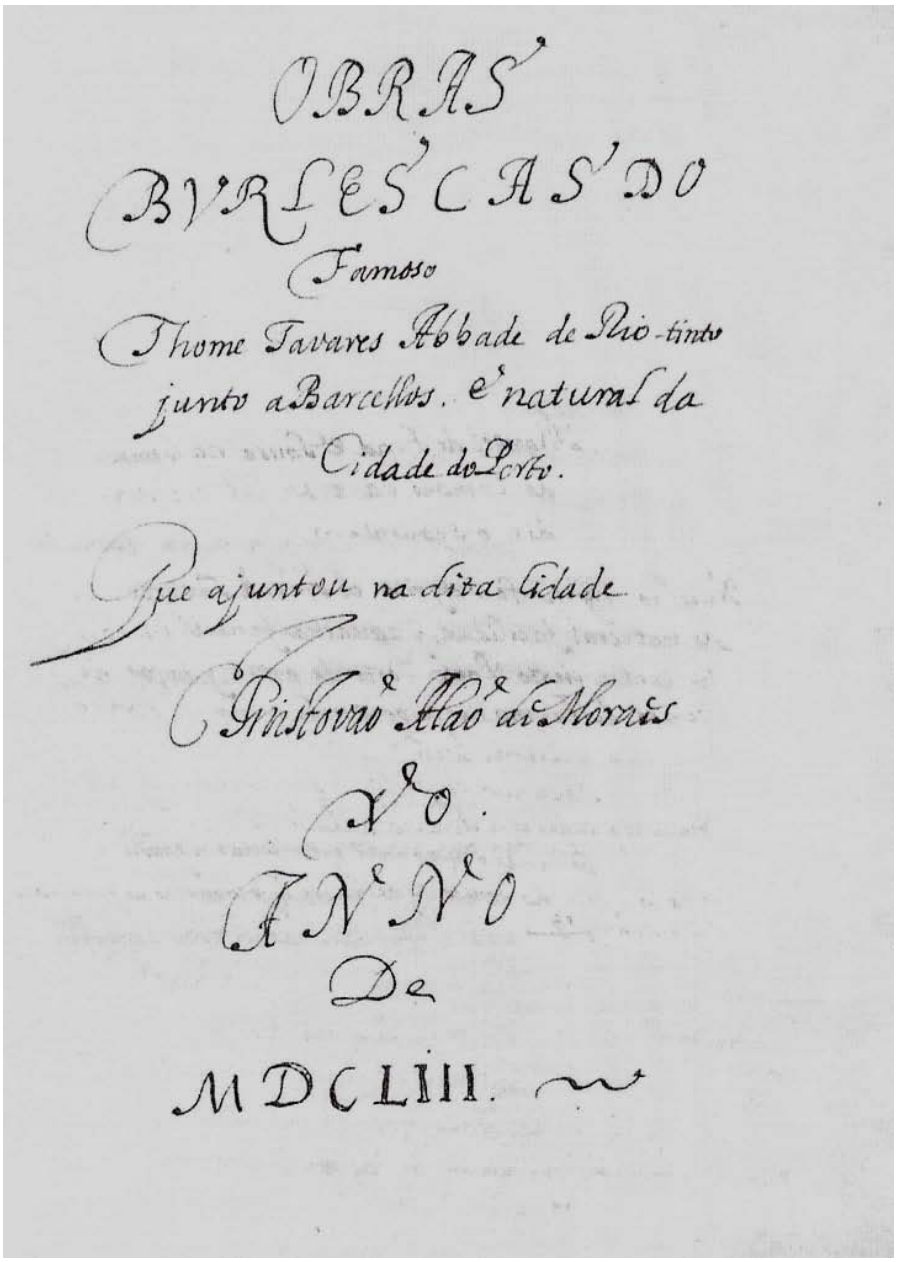

OBRAS
BVRLESCAS DO
Famoso
Thome Tavares Abbade de Rio-tinto
junto a Barcellos. e natural da
Cidade do Porto.
Que ajuntou na dita Cidade
Christovão Alão de Morais
Anno
De
MDCLIII.

Fig. 1 : Folha de rosto do Ms. 736 da Biblioteca Pública Municipal do Porto

[6] Encontra-se no Arquivo Distrital de Braga o primeiro registo paroquial de que temos conhecimento assinado pelo Abade Tomé Tavares. Trata-se de um baptizado de 13 de Março de 1600 (Cf. Registo Paroquial de Esposende, livro 354º, f. 13r).

[7] No mesmo arquivo, mais precisamente no 'Registo Paroquial de Esposende', livro 350º, f. 53v, pode ler-se: 'Aos trinta e hum digo aos vinte e nove dias do mes de Janeiro de mil e seis centos e trinta e quatro annos faleceo o Rdo abbe desta Igreja Thome Tavares Carnro foi confessado não lhe derão o Sôr por não estar pa o receber mandou se lhe fisessem três offos cada hum de des padres e desem as offertas costumadas era ut supra

© 2013 Global Journals Inc. (US)

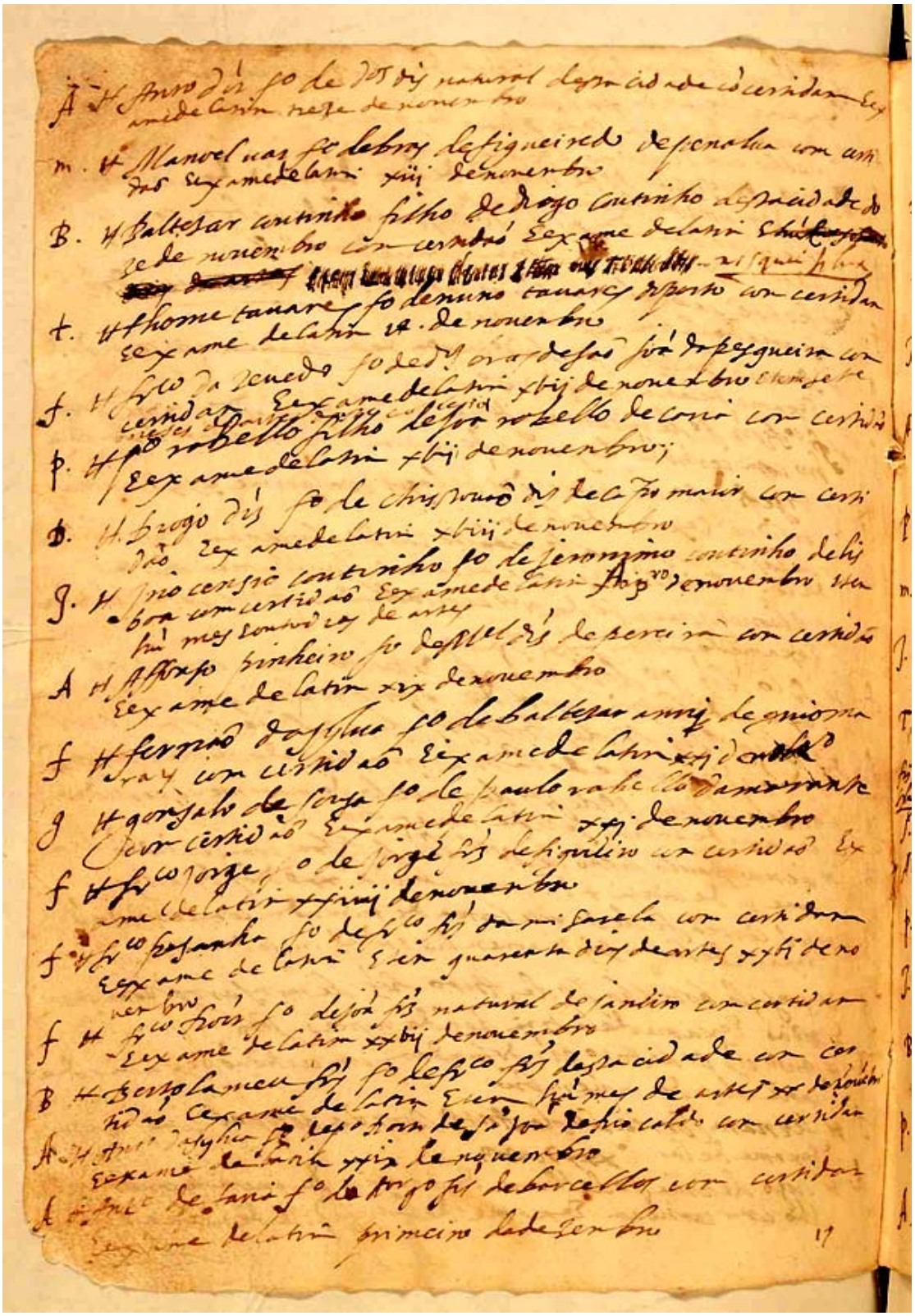


Fig. 2 : F. 32v do «Livro de Matrículas – 1586»

Matrícula de Tomé Tavares em «Instituta» com certidão de exame de latim a 14 de Novembro de 1586 – Arquivo da Universidade de Coimbra

© 2013 Global Journals Inc. (US)

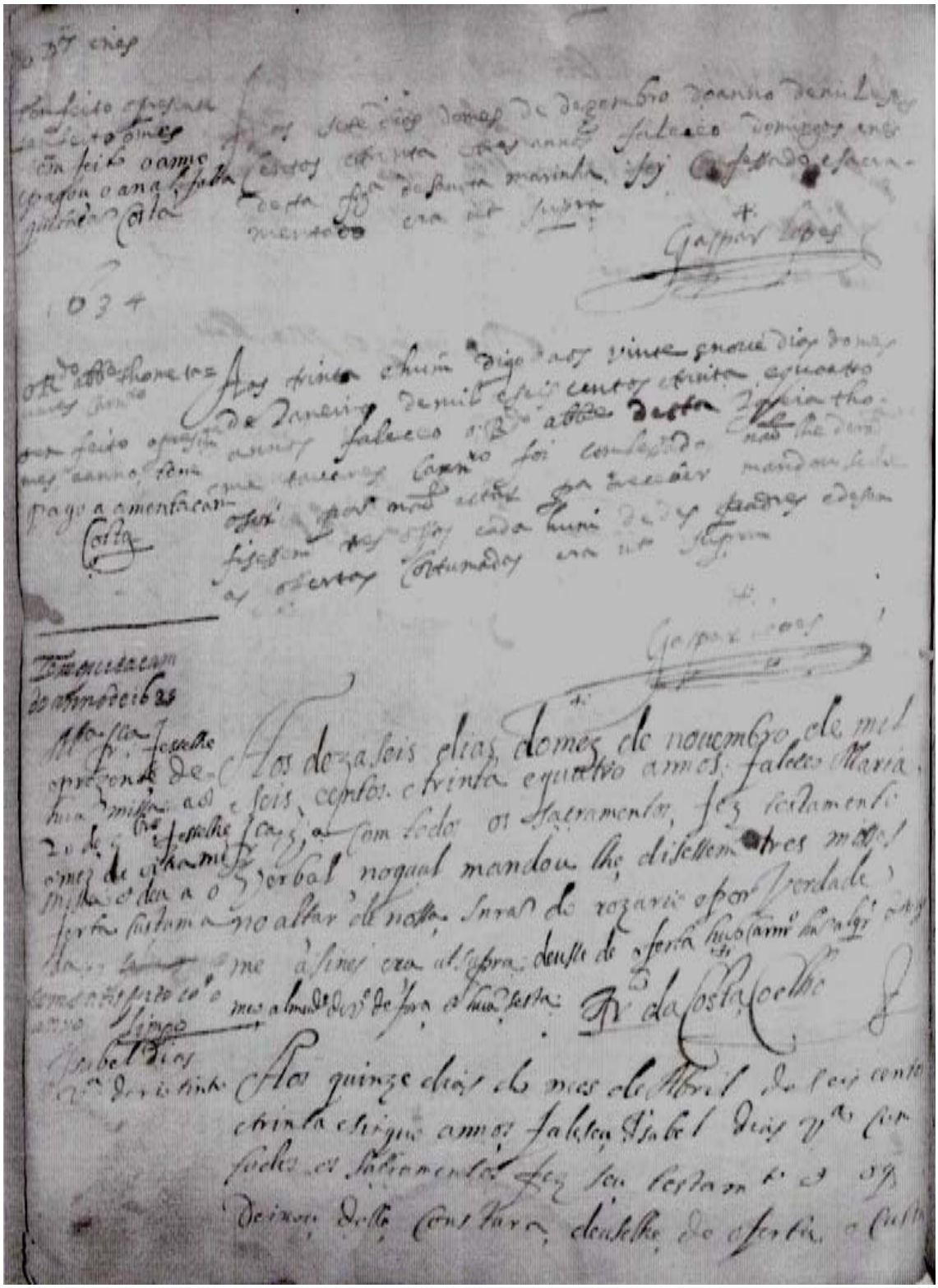


Fig. 3 : Vinte e nove de Janeiro de 1634 – Ano de morte de Tomé Tavares Carneiro.

F. 53v (livro 350º) do «Registo Paroquial de Esposende» do Arquivo Distrital de Braga

O que era o Porto nos finais do século XVI? Quais seriam os hábitos, costumes, crenças desse século? São algumas das questões para que encontraremos esboços de resposta nos 'pequenos quadros' traçados pelo Abade Tavares ao longo da sua obra.

© 2013 Global Journals Inc. (US)

Do seu olhar atento aos pequenos nadas, a um mundo movediço, de contrastes, sempre em mutação, resulta uma obra que interessa – mais do que pelo virtuosismo verbal e conceptual – como testemunho da sociedade nortenha da época, uma sociedade em que a disciplina, a moralidade e os costumes deixavam muito a desejar.

Um dos principais alvos do nosso poeta é a classe eclesiástica, satirizada pelo grau de indisciplina e de relaxamento a que chegara. Proliferavam os 'casos' entre frades e freiras:

III. Mote

A ũa freira de Santa Clara que se lhe mudou a voz com a idade e falava com ũ frade do Desembargador Antão Mendes

Cantastes bem algũa hora,

porém já graça não tendes,

que sois nora de Antão Mendes [;]

Antão cantais como Nora.

(peça n.º 53)[8]

A febre do luxo que teimava em permanecer no século XVI contaminou também a austera e recatada alta sociedade de outrora. Esquecidos da humildade que devia reger as suas vidas, os seus membros faziam gala em trajar ricamente:

IV. Outro

À mulher do Juiz de Barcelos, que sendo mui pequena trazia touca muito alta

Em tão pequena barquinha

metestes tão grande vela

que temo se vire asinha,

que do Juiz a varinha

não basta para sustê-la.

(peça n.º 63)[9]

Estes são apenas pequenos exemplos da atenta, subtil, engenhosa e bem-humorada observação da realidade que caracteriza a obra de Tomé Tavares[10]. O quotidiano, a vida comum, palpitante de agitação, é o principal pano de fundo das *Obras Burlescas do Famoso Tomé Tavares*, colectânea que se caracteriza por uma simplicidade e uma facilidade que são apenas aparentes.

A diversidade poemática sugere de imediato a capacidade do nosso autor, que pratica o dístico (1 texto), a elegia (1 texto), o poema em décimas (2 textos), o poema em oitava rima (1 texto), o poema em quintilhas (27 textos), o poema em redondilhas (1 texto), o poema em tercetos (5 textos), a quadra (20 textos), o romance (6 textos), o soneto (11 textos) e ainda o texto em prosa (2 textos), num registo predominantemente satírico. Alguma diversidade pode ser também surpreendida no campo da métrica, em que ao lado do decassílabo – com variados esquemas acentuais – nos aparece a tradicional redondilha maior. O mesmo acontece ainda no que respeita às formas estróficas (terceto, quadra, quintilha, oitava) e aos modelos rímicos.

É grande ainda a diversidade de temas[11], apresentados sob uma orientação estético-literária que não é fácil identificar de imediato. À partida, e levando em conta que Tomé Tavares viveu entre 1570 (data provável do seu nascimento) e 1634, diríamos que estamos perante um poeta de transição,doManeirismo (1550-1620) para o Barroco (1620-1750)[12]. No entanto, a leitura da sua obra, revelando embora motivos dessas duas estéticas, evidencia sobretudo um lastro da literatura satírica do final da Idade Média.

Veja-se o texto que dedica «À sepultura de ũa Dama célebre do seu tempo», em que explora o sentido duplo de "vaso":

Aqui jaz Dona Genebra,

de que o Mundo fez grão caso;

quebrou porque era bom vaso,

que vaso mau nũca quebra.

(peça n.º 41)[13]

Esta orientação satírica – cujo alvo tanto pode ser individual como colectivo – assume por vezes

[8] Cf. Cidália DINIS, *Obras Burlescas de Tomé Tavares Carneiro – Estudo e edição crítica*, Porto, Ed. da Autora, 2006, p. 265 (Dissertação de Mestrado em Estudos Portugueses e Brasileiros, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto).

[9] *Ibid*, p. 280.

[10] João Soares de Brito, no seu *Theatrum Lusitânia Litteratum* refere: 'Martialis projecto Lusitanus, miro namque viro in Epigramatis pangendis argutia Sales frequentissimi sed et fellis nonnichil: quae opera eruditorum manibus versantur, magnoque habentur in praetio' (*apud* Diogo Barbosa Machado, 1988, Vol. III, p. 760).

[11] Uma vez que o princípio de organização dos textos no seio das *Obras Burlescas de Tomé Tavares* nem sempre é claro e o seu compilador, Cristóvão Alão de Morais, optou por reunir as composições poéticas do nosso autor sem ter em conta um critério visível (cronológico, formal, temático, alfabético); optámos, no sentido de proporcionar ao leitor uma melhor percepção da obra, por agrupar as composições em cinco capítulos distintos, constituídos de acordo com um critério temático: no primeiro, serão contemplados os poemas relativos ao Mestre-escola Francisco Roiz de Carvalho; no segundo, virão os poemas referentes a Pero Lopes Camelo; os poemas relativos a figuras secundárias serão parte integrante do terceiro; o quarto reúne os poemas de temática clerical; as restantes composições poéticas constarão do quinto capítulo, intitulado *Outros.*

[12] Os textos do Abade de Barcelos só apresentam dois dados cronológicos, ambos remetendo para o primeiro período: no poema 'Considerando fomos nas malhadas' (peça n.º 71), o autor declara ter 27 anos (se aceitarmos 1570 como data provável do seu nascimento, esse texto seria de 1597, em pleno período maneirista); na peça n.º 42, 'Ninguém a ser Poeta só se aprova', aparece a data de 1610.

[13] Cidália DINIS, *Op. cit.,* p. 248.

© 2013 Global Journals Inc. (US)

contornos de erotismo que podem resvalar para uma obscenidade mais arcaica do que moderna, fazendo lembrar com frequência textos do *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende. A marca maneirista e barroca estará assim mais na escrita engenhosa que nos motivos temáticos ou na orientação ideológica da obra.

Deste jogo resulta, porém, um duplo risco para o nosso poeta: o de ser encarado, ao seu tempo, como 'impopular', transgressor de regras e o de ser esquecido pelas gerações vindouras, para quem os acontecimentos quotidianos daquela época perderam interesse ou ganharam o estatuto de mera curiosidade de eruditos.

Tomé Tavares ficou assim votado a um imerecido esquecimento, de que tentaremos agora 'resgatá-lo', «dando-o como testemunho de uma sociedade em que a sátira escabrosa foi o inevitável contrapeso de uma espiritualidade forjada por dogmas que desviaram o homem do trilho diurno da sua natureza superada»[14]. À visão melancólica do maneirismo o nosso autor prefere de facto a visão realista e viva do mundo que o rodeia, veiculada num estilo livre, «se a Musa se não sentir peada com os consoantes».

Aquilo que o tempo havia apagado tentaremos agora reavivar mediante «ũ passeio pelo campo da memória» que resgate os «retalhos da mesma cor que o tempo ia já cobrindo de ortigas»:

V. Carta

Do Impressor a certo Presbítero

Quem conhece o sujeito desta obra não acaba de encarecer a pouca deligência do Autor dela a respeito da grande empresa em que se meteu; e como a queixa disto seja tão geral, não foi possível deixar de ir à sua notícia. Querendo ele agora em algũa parte remediar esta falha, determinou outra vez dar ũ passeio pelo campo da memória, aonde achou algũs retalhos da mesma cor que o tempo ia já cobrindo de ortigas, que ainda que tem por ofício descobrir tudo, também o torna a encobrir ajudado do esquecimento…

(peça n.º 25)[15]

Ontem como hoje, a tarefa não é contudo fácil, pois «a murmuração andando no cio» pode dificultar a aceitação de um poeta incómodo:

O Autor me afirmou que seu passado descuido o deixou tão temeroso de presente que de nenhũa maneira se atreveria a sair com a segũda impressão se eu lhe não alcovitasse ũ Protector com que pudesse perder o receio de a murmuração andando no cio lhe não poder atirar quatro couces; não achei lugar onde pudesse ficar mais seguro deles que debaixo da sobrepeliz de V. M., a quem por ora não posso descobrir o nome, por me sentir mui empenhado com o apelido de Meneses que devo em outra parte.

Frutuoso Lourenço

(peça n.º 25)[16]

Este «passeio pelo campo da memória», embora assuma por vezes um pendor moralista, é dominado por um riso irreverente e quase condescendente para com os pecadores e os seus pecados.

A sátira burlesca é o remédio proposto para um quotidiano manchado pela hipocrisia, pela devassidão e pelas frivolidades mundanas.

Filho de uma época de profundas metamorfoses, o Abade de Barcelos insere-se nas coordenadas de um espírito barroco, marcado pelo desnudamento das palavras e pela 'guilhotina' da sátira viperina e desmedida. O que fica da leitura da sua obra é a surpresa perante a capacidade de contemplar o mundo sem pudor, numa mistura de palavras límpidas e mordazes, pautada pela musicalidade e por um refinado engenho verbal. Moldando palavra a palavra, Tavares é, então, a encarnação de uma sensibilidade riquíssima sem perder ou desfigurar os traços característicos do Barroco.

Reabilitá-lo é, pois, estabelecer uma ponte entre os requintes do engenho agudo, a acrobacia das subtilezas e a multiplicidade de impressões internas e externas de um mundo todo ele composto de reentrâncias; é tornar acessível ao leitor actual, uma obra que é testemunho de uma época e de um meio em que o autor viveu. Desta forma, procurámos realizar uma actualização prudente e cautelosa do texto, de modo a oferecer ao leitor médio dos nossos dias, um texto crítico fidedigno, antes de mais do ponto de vista linguístico. Tivemos a preocupação de salvaguardar os aspectos fonéticos, morfológicos e sintácticos dos textos e de não descaracterizar o estilo do autor das *Obras Burlescas*.

No sentido de proporcionar ao leitor uma melhor percepção da obra e do espírito engenhoso de Tomé Tavares, agrupámos as suas composições poéticas em cinco capítulos distintos: no primeiro capítulo, estão contemplados os poemas relativos ao Mestre-escola Francisco Roiz de Carvalho; no segundo capítulo os poemas referentes a Pero Lopes Camelo; os poemas relativos a figuras secundárias são parte integrante do terceiro capítulo; o capítulo quarto é inteiramente dedicado à temática clerical; as restantes composições poéticas que, pelo seu conteúdo, não dizem respeito a nenhuma figura identificável em concreto nem são de teor religioso, e como tal não se inserem em nenhum dos capítulos referenciados

[14] Natália CORREIA, *Antologia de Poesia Portuguesa Erótica e Satírica: dos cancioneiros medievais à actualidade*, Lisboa, 2000, p. 28.

[15] Cidália DINIS, *Op. cit.,* p. 207.

[16] *Ibidem*

© 2013 Global Journals Inc. (US)

anteriormente, constam do quinto capítulo, intitulado *Outros*.

A edição das composições comporta um número de ordem, ininterrupto; uma legenda, seguida do poema, cujos versos surgem numerados de cinco em cinco, com os algarismos colocados à esquerda. Quando um poema é transmitido por mais que um testemunho, é-lhe atribuída a letra *A* para designar o testemunho que elegermos como base; as alterações foram convenientemente assinaladas quer no corpo do texto, quer em pé de página, sendo a chamada feita a partir do número de verso. O mesmo se verificou com outras anotações necessárias ao esclarecimento do texto.

Nas correcções realizadas, foram utilizadas chavetas para as supressões e colchetes para as adições. São notadas entre barras oblíquas, antecedidas de asterisco todas as passagens cuja lição seja dúbia. O aparato, separado do texto crítico por uma linha e apresentado em corpo menor, vem ao fundo da página e pode incluir três partes fundamentais:

A. Variantes:

B. Justificação de emendas:

C. Notas:

1. Referência aos sublinhados efectuados pelo copista;
2. Registo das notas localizadas à margem;
3. Vocabulário e notas necessárias para a compreensão do texto. Poderá haver também observações que digam respeito a aspectos gramaticais, métricos e acentuais dos versos;
4. Tradução de passagens em latim;
5. Anotações sobre a poética do texto.

Na elaboração deste aparato tivemos como principal objectivo tornar as composições acessíveis ao leitor actual, procurando dissipar as barreiras que eventualmente pudessem ocorrer. Assim, o leitor será confrontado com uma pluralidade de opções e de leituras, não lhe sendo, porém, vedada a possibilidade de realizar as suas próprias escolhas e de efectuar uma leitura pessoal dos textos.

Vejamos os dois poemas que se seguem e que são ilustrativos do modelo e critérios de edição crítica que adoptámos[17]:

28.

Manuscrito principal: BPMP, 736, f. 10r

VI. Mote

Indo o Tavares pelo Douro acima com Jorge Carneiro, que atirando a ũ Pisco Ribeiro o matou e despois saindo em terra lhe deram honrado sepulcro com este Epitáfio

Aqui jaz Pisco Ribeiro,

que de mil cores reluz;

e posto sobre ũ tojeiro,

foi morto c'ũ arcabuz

5 por mãos de Jorge Carneiro.

3. *O verso vem escrito à margem direita. Optámos, devido a questões de métrica e de coerência, por integrá-lo no poema.*

3. tojeiro – tojo grande.

5. Jorge Carneiro – Morgado de Gaia e bisavô do poeta Tomé Tavares.

O poema é formado por versos de redondilha maior, agrupados numa quintilha, com esquema rimático do tipo ABABA.

77.

Manuscrito principal: BPMP, 736, f. 42r-42v

VII. Redondilhas

A ũ Amigo que lhe pediu ũa mão de lebre cortada viva para a gota

Sobre a lebre o que me ocorre,
que é bem e a razão o manda,
que dê a mão a quem não anda
animal que tanto corre.
Mas na razão não me fundo
nem dela os Autores tratam,
porque às lebres que se matam
não houvera gota no Mundo.
Sempre as mataram Fidalgos,
muitas morriam aos cacheiros,
muitas mais matam Rendeiros
despois que deram em ter galgos.
Pois se grandes e pequenos
matam lebres à porfia,
como são mais cada dia
e os gotosos não são menos?

3. Este verso tem 8 sílabas. Uma emenda possível consistiria na supressão do primeiro artigo.

8. O verso também apresenta 8 sílabas.

[17] *Ibid*, pp. 211 e 309.

© 2013 Global Journals Inc. (US)

10. Também tem 8 sílabas, a menos que seja de admitir a leitura da forma verbal com terminação oral, o que permitiria a sinalefa.

cacheiro – bordão, cajado.

12. Este verso tem 8 sílabas.

O poema é formado por versos de redondilha maior agrupados em quadras, que recorrem ao esquema rimático ABBA.

Deste retrato vivo das encostas do Douro, das vivências do Porto e de Barcelos, dos meandros de uma época conturbada, fica o prazer de uma obra que é documento, acima de tudo, da «eterna verdade» da poesia[18].

[18] Percy Bysshe SHELLEY, *Defensa de la poesia*, Buenos Aires, 1946, p. 22.

© 2013 Global Journals Inc. (US)